

Ágora Cult

cultura, cidadania e espaço urbano.

ARQUIVO DA TAG: ESPAÇO PÚBLICO

Preenchendo um vazio: nosso espaço bem utilizado.

Publicado em **agosto 6, 2011**

por *Patricia Stagi*



— Foto: Patrícia Stagi

Cidade é um lugar de convívio. Um espaço comum que deve ser organizado para que as pessoas possam usufruir de suas qualidades e desenvolverem uma sociedade saudável. Digo isso, porque é preciso, principalmente quando estamos espremidos em malhas urbanas, muita atenção com o lugar que ocupamos e como isso pode incomodar outras pessoas cujos direitos são os mesmos que os nossos. Não é simples dividir espaços, ainda mais com quem não conhecemos, mas encaremos isso como um exercício de cidadania. Não é tão fácil, mas pode ser indolor se o foco for a boa convivência.

Caminhando pelo Rio percebo o descaso com o que é nosso. Nas ruas, lixo. Nas praças, bancos e mesas quebradas como se tivessem sido utilizadas por vândalos. Os parques, sempre vazios. E para piorar somos alvo da tensão causada pela falta de segurança, que nos afasta ainda mais desses lugares destinados ao convívio social. Nos resumimos a guetos, como bairristas impondo limite de alcance. Dividimos a cidade em regiões – zonas – e nos fechamos nessa redoma imaginável. E vivemos assim, como em latas de sardinha empilhadas nas prateleiras do mercado.

Há apenas pequenas deixas que nos fazem respirar. Restritos espaços vazios em meio à especulação imobiliária desenfreada. Mais motivos para mais valor. E uma atenção extra à ameaça de extinção. Sumirão os espaços de convívio realmente públicos, gratuitos e de qualidade? Qual o destino de nossas praças e parques? Abandono total para justificar mais um empreendimento? Utilizando de forma consciente, defendemos nossos vazios e de quebra ainda ganhamos moléculas de oxigênio.

É importante que o espaço seja bem preenchido. Para isso, quebrems o mito de que cada lugar tem sua função. Pensemos nas possibilidades. Praças não são apenas para o carteado, assim como praias são ótimas no inverno. Esses ambientes podem e devem ser frequentados por todos em múltiplas ocasiões. Tenha em mente apenas que esse espaço é seu, compartilhado por outros e – por favor – respeitados por todos.

Publicado em **Uncategorized** | Marcado com **comportamento, copacabana, espaço público** | [Deixe uma resposta](#)

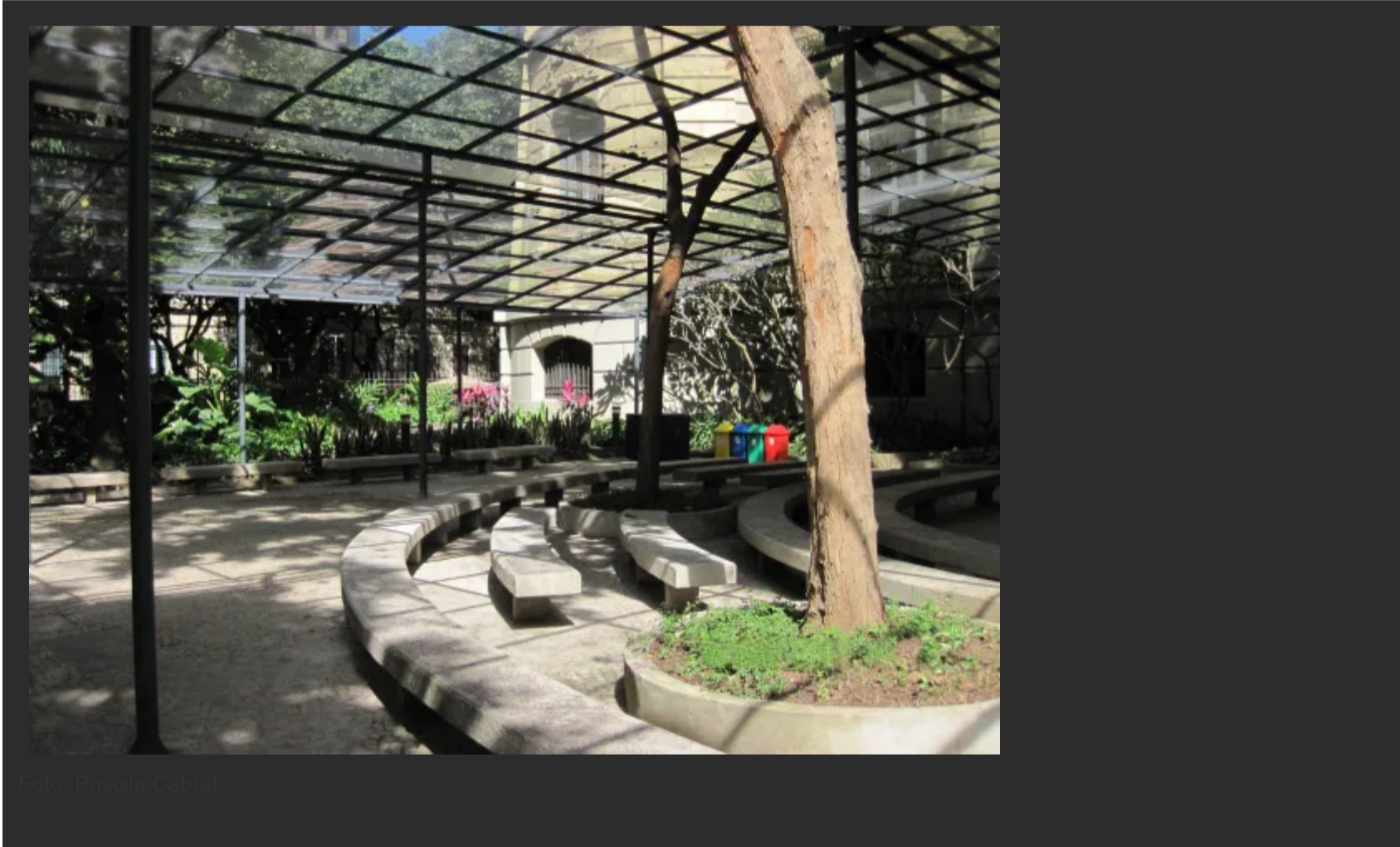
Rio, aquele desabafo...

Publicado em **agosto 4, 2011**

O post de hoje vem em tom de desabafo. Na verdade, o trecho que vocês vão ver logo abaixo foi extraído de um caderno de notas (um quase diário) que tenho sempre comigo para rabiscar alguns pensamentos. E como este blog trata de cultura e cidade, fiquem tranquilos, pois não fugi da temática. Apenas escrevi de forma solta e crítica sobre coisas que muitas vezes me incomodam na minha cidade natal.

Acredito que nascer e viver numa cidade cria uma relação de identidade com o espaço muito intensa. Reconhecemos nossos itinerários, as referências monumentais, a paisagem... E criamos afetos aos lugares que guardam passagens de nossa memória: uma casa em que moramos na infância, a praça onde demos o primeiro beijo, as ruas onde nos aventuramos com nossas primeiras pedaladas. Isso sem contar nos lugares que fazem parte da história do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e de hábitos culturais que remontam o período imperial ou da belle époque. Com tantos laços afetivos, sejam individuais ou coletivos, é quase impossível não termos momentos de revolta e desânimo dessa abstração chamada cidade que é quase um ente da nossa família.

E por todas essas emoções e sensações que partilhamos no cotidiano carioca, deixo transcrito o tal desabafo.



Rio, 08/06/2011

(...) Tempos e mais tempos presa ao espaço físico do trabalho, presa a itinerários pela cidade. Uma chuva de pensamentos e dúvidas. Mas no fundo uma tentativa de observar também o que se passa à minha volta. Muitas vezes o ego atrapalha e circulamos de um lado para outro sem perceber a cidade. Ficamos desconexos mentalmente, enquanto que de corpo estamos presentes.

(...) Na hora do almoço fui com dois colegas de trabalho “bucolizar” no pequeno jardim anexo da Biblioteca Nacional. E pensei muito em como nós brasileiros ainda não sabemos lidar com nosso espaço público. Talvez seja mesmo algo que não criou raízes na nossa cultura, afinal somos berço direto de um colonialismo que se baseava na noção de propriedade. Somos todos pequenos senhorios, preocupados demais com o nosso para poder dividir, mesmo que seja um distanciado convívio, no partilhamento de nossos espaços mais agradáveis. E acho, inclusive, que como reflexo direto da repressão política e de costumes da ditadura militar (1964-1984), o espaço público evoca medo, receio, traumas. Porque naquele tempo mais de duas pessoas reunidas já era subversão e movimento clandestino. Aí, para aliviar a barra, preferimos ficar na tranquilidade de nossos aparelhos. Nos reunimos na “rua” em mesas de bar, pagando a cerveja merecida pelo suor do trabalho, com a falsa idéia de libertação. Conjecturamos, fazemos a velha filosofia de boteco e pensamos, no íntimo, que estamos contribuindo criticamente para a transformação social. Até acredito que estamos engendrando uma transformação no campo das mentalidades, mas de fato sempre andamos mais frustrados do que qualquer outra coisa, vendo que a realidade muda pouco ou quase nada. A mudança na forma de pensar, mas que nunca se vê materializada, só nos acomoda e nos torna pessimistas, salvaguardados em pequenas redes de amizade, apartamentos. Sempre fomos assim, “meio bossa nova, meio cinzas” (trecho de entrevista realizada com o compositor Sérgio Ricardo para minha pesquisa de mestrado sobre a bossa nova. Nesta frase, Sérgio Ricardo diz que a bossa nova seria uma música sempre presente no cancionário popular, pois ela é como a cor cinza na pintura. Ou seja, neutra e fica sempre bem quando misturada a outras cores).

Mas voltando um pouco à questão, me preocupa isso de que a cidade do Rio mais uma vez passará por remodelações urbanísticas. Não que eu esteja satisfeita em como a cidade se apresenta hoje. Jamais! Mas sim pelo medo de nossas escolhas de planejamento urbano. Acho mesmo que nessa tentativa de sermos modernos, acabamos sempre nos pautando em modelos furados como de Le Corbusier – aquela modernidade de maquete, de espigões e auto-pistas. Uma monumentalização por vezes arrojada, até bonita e aparentemente organizada, mas que exclui, que expulsa como um rolo compressor as camadas que mais dependem de projetos urbanísticos de fôlego e de cunho social, inclusivo. Para o Rio é preciso pensar em seus moradores, em como estes precisam ser inseridos no contexto da cidade. Mas preferimos deixar que a especulação imobiliária nos guie, como “baluarte” do nosso desenvolvimento econômico e urbano. Até quando permitiremos essa pobreza de projeto?



Edifícios modernos em Porto Alegre, inspirados na experiência urbana de Barcelona. Com espaços públicos, mas ainda com algumas limitações que após as Olimpíadas de 2016 serão destinadas ao empresariado carioca. Foto: <http://www.redebrasilatual.com.br>

E esse foi o desabafo! Ia até me desculpar por algumas generalizações. Mas vocês sabem como é... Desabafo é desabafo!

Publicado em **Uncategorized** | Marcado com **biblioteca nacional, espaço público, identidade, memória, planejamento urbano, porto maravilha, rio de janeiro** | **3 Respostas**